



## RESENHA

**ANDRADE, Érico. *NEGRITUDE SEM IDENTIDADE*. São Paulo: N-1, 2023.**

*Albérico Araújo Sial Neto*<sup>1</sup>

É impossível começar uma resenha do livro *Negritude Sem Identidade* (2023) do modo no qual comumente começo resenhas. Isso se dá na medida em que existe uma certa dificuldade em ser impessoal, em ir direto ao conteúdo do livro, explicando o argumento central e pontuando o que se encontra mais especificamente em cada um de seus capítulos. Isso acontece porque a referida obra foi construída coletivamente, num processo de muito diálogo e reflexão. Lembro-me das disciplinas *Negritude e Antinegritude*, dada em conjunto com o professor Alexandre S. de Jesus, e *Políticas da Resistência* – disciplina em que tive o prazer de fazer meu Estágio de Docência –, dentre outras, que compuseram o terreno no qual *Negritude Sem Identidade* pôde se estabelecer.

De certo modo, o livro do Érico reflete uma ambição filosófica bastante atual: pensar as políticas de resistência e de coalisão ultrapassando as políticas identitárias. Isso também é reflexo do próprio movimento filosófico em abstrato: a necessidade de projetar para frente um pensamento que visa a construção de um mundo *comum* almejando a superação das dificuldades e dos problemas do presente. Esse movimento projetivo é, se não for exagero meu, a condição *sine qua non* do fazer da filosofia política.

Acredito que esse gasto de tinta com rasgos de elogio ao Érico é importante para situar num plano subjetivo, mesmo que de forma inicial, a obra *Negritude Sem Identidade*. Por sua vez, partindo para um âmbito mais objetivo, é possível dizer que a obra do Érico aborda de forma contundente o *modus operandi* da filosofia moderna que culminou diretamente no estabelecimento de uma episteme racista. Por si só, esse ato já é uma ousadia, dado que diversos estudiosos tentam *justificar* o caráter racista do pensamento moderno, fazendo reminiscência ao espírito do tempo

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

ou da época. Contudo, tal justificativa se torna implausível na medida em que, como é argumentado na obra, filósofos modernos como Descartes, Hume, Kant, entre outros, direta ou indiretamente, foram responsáveis pela criação do conceito de raça como identidade ontológica.

Com isso, é abordado como a racialização e o racismo característicos da filosofia moderna modelou uma perspectiva sobre a identidade negra como sendo um bloco unitário. Articulando uma abordagem interdisciplinar que entrecruza psicanálise e filosofia, Érico Andrade nos induz a pensar a complexidade da identidade e da resistência negra. Isso termina por desafiar o leitor a repensar conceitos importantes como o de identidade, raça e racismo, de um modo tão radicalmente crítico que termina desembocando nas questões da negritude na atualidade. Assim, o livro *Negritude Sem Identidade* revela a necessidade de reconhecer a singularidade da experiência e da vivência negra, para além das imposições raciais e culturais do colonialismo.

Desse modo, a perspectiva decolonial se faz presente na obra como um modo, um método utilizado para entender e desconstruir (desfazer) as narrativas coloniais que moldaram, e ainda moldam, a negritude. Isso em vista, o livro articula estrategicamente a desconstrução do pensamento colonial com o ressaltado e reconhecimento da singularidade da experiência negra. Portanto, a própria estrutura do texto se apoia, concomitantemente, na narrativa pessoal dos atravessamentos e das experiências subjetivas do autor e na reflexão teórica. Isso significa que a experiência subjetiva do autor é utilizada para desvelar os processos de racialização ao mesmo tempo em que se propõe à desconstrução da *máscara branca* e à interpretação da identidade negra de modo não essencialista.

O intercâmbio entre experiência subjetiva e reflexão teórica é uma característica marcante em *Negritude Sem Identidade*. Tal característica chega a ser um facilitador, permitindo que leitores inseridos em diversas áreas do conhecimento, não apenas o filosófico, consigam se conduzir pelas reflexões do autor. Isso pode ser visto no *Prefácio* de Isildinha Batista Nogueira, teórica que dispensa apresentações.

Conforme aponta Isildinha, o que no início era um questionamento sobre sua capacidade de dialogar com o acervo filosófico presente em *Negritude Sem Identidade*, se tornou uma imersão nas experiências e emoções autobiográficas de Érico, transcendendo toda abstração filosófica em prol de uma reflexão direta sobre a condição humana. Antecipando o que é proposto por Érico, Isildinha reforça a ideia de que a negritude não deve ser vista como uma identidade estática, mas como uma experiência subjetiva e dinâmica que não só resiste, mas também ultrapassa, às imposições coloniais e raciais. Com isso, se torna mais que urgente reconhecer e quebrar (desfazer) as imposições calcadas no modelo colonial de identidade a fim de permitir que as pessoas negras relatem a si mesmas e às próprias histórias de um outro modo.

Nesse sentido, Isildinha afirma que *Negritude Sem Identidade* contém um discurso, uma produção de conhecimento, que liberta os negros de uma concepção de *negro* construída para reafirmar a perversa fantasia de que as pessoas negras não podem ter um lugar num universo. Sendo, mais especificamente, Isildinha afirma que a obra de Érico é “uma lufada de esperança de que podemos construir um outro discurso filosófico que nos ajude a desconstruir o racismo” (Andrade, 2023, p. 19).

Por sua vez, no capítulo *Negritude Como uma Experiência Subjetiva: do pardo ao negro*, Érico vai abordar a complexidade da identidade negra e a experiência subjetiva de ser negro numa sociedade que foi constituída pelo racismo e pela colonialidade. Com isso, é proposta uma perspectiva mais flexível e dinâmica da negritude. Essa proposta é feita a partir de uma séria reflexão a respeito das raízes da episteme racista, episteme responsável pelo conceito de raça utilizado como uma identidade ontológica. Dessa perspectiva, o racismo estrutural é visto como uma espécie de sequestrador da narrativa singular, do relato de si mesmo, das pessoas negras, o que obriga aos negros uma adequação violenta aos moldes impostos pela branquitude. Assim, a ruptura com o modelo colonial se torna o caminho pelo qual a singularidade da experiência negra pode ser recuperada dissolvendo os moldes de identidade negra construída pelo colonialismo.

O capítulo *Raça e Modernidade: a criação do negro na filosofia* retoma a ideia de ruptura com o colonialismo a partir de uma extensiva análise do pensamento filosófico moderno. Segundo o autor, a filosofia moderna, principalmente com Descartes, estabeleceu uma cisão entre corpo e mente, separando radicalmente suas propriedades. Ao elevar a alma em relação ao corpo, a modernidade terminou por vincular a prova da existência do sujeito à mente, ao pensamento. Isso tem implicações, haja vista que a “identidade do sujeito como aquele que tanto deseja a razão quanto a exerce para normalizar as suas ações serve de linha demarcatória que identifica as pessoas. Trata-se, portanto, da instituição de certo sujeito como padrão identitário do que é humano” (p. 38). Assim, “o sujeito moderno é um critério de identificação porque estabelece uma forma de *discriminar* as pessoas de acordo com o uso que elas fazem da razão. O sujeito moderno é uma fronteira” (Andrade, 2023, p. 39).

Tendo isso em vista, Érico argumenta que tal discurso filosófico circunscreveu os corpos negros como corpos sem razão e, portanto, sem a capacidade de autogoverno. É a partir disso, vale dizer, que se estabelece a noção de raça como uma identidade ontológica. Desse modo, a noção de raça como identidade ontológica na filosofia moderna serviu para justificar a dominação e a precarização das vidas das pessoas negras. Por conta disso, romper com a noção de identidade negra como foi moldada pelo colonialismo se torna fundamental para recuperar a própria singularidade da experiência negra.

Retomando o que foi dito nos capítulos anteriores, o capítulo *O Fantasma do Racismo na Constituição da Experiência Subjetiva da Negritude: sofrimento, resistência e alegria*, Érico analisa como as pessoas racializadas “lidam com uma experiência comum de sofrimento que as inscrevem num corpo coletivo, tomado pela branquitude como a expressão do *ab-jeto*” (Andrade, 2023, p. 92). Nesse sentido, é argumentado que a negritude emerge como uma contraposição ao processo de racialização nos moldes coloniais. Isso quer dizer, apesar de passarem pela experiência de serem racializadas, tal experiência não implica necessariamente num modelo de identidade racial como é imposto pela lógica colonial. Assim, “não há uma essência de ser negro, que reuniria num único prisma as mais diversas expressões históricas e culturais das pessoas da África negra e de seus descendentes fora da África, mas uma experiência, chamada por mim de subjetiva” (Andrade, 2023, p. 92). A defesa dessa perspectiva nos leva a conclusão de que para viver a experiência da negritude, “a identidade não apenas não é necessária como deve ser, na verdade, evitada, sem prejuízos de nossa percepção de que compomos uma experiência possível de ser negro” (Andrade, 2023, p. 93).

Por fim, o capítulo *Do Pardo ao Preto: por uma subjetividade reenegrecida e singularizada*, Érico retorna ao relato de si a fim de abordar a complexa questão da identidade racial e da experiência subjetiva de indivíduos negros e pardos. Com isso, é afirmado que é preciso constatar “a identidade branca, escondida no escudo do universal, para destruir a identidade negra” (Andrade, 2023, p. 150). Esse movimento envolve “inscrever as pessoas brancas na identidade branca graças à qual a sua existência é um privilégio na mesma proporção que devemos trincar uma unidade negra essencial” (Andrade, 2023, p. 150). Ou seja, a destruição do ideal do ego branco termina por libertar o corpo negro das amarras coloniais e o permite vivenciar experiências singulares da própria resistência à identidade. Desse modo, Érico afirma que “tornar-se negro é assumir uma corporeidade que nunca se entregou a uma identidade” (Andrade, 2023, p. 152).

Tendo em vista isso, o livro *Negritude Sem Identidade* se revela como uma ousada e provocativa obra de filosofia política na medida em que não só aborda as questões do presente como também constrói um debate e oferece boas razões para repensarmos a racialidade e suas raízes coloniais. Como toda grande obra filosófica, o livro de Érico cria novos problemas ao tentar responder ao seu problema central. Isso é uma característica inerente às obras filosóficas, basta olharmos para a quantidade de artigos e pesquisas em nível de pós-graduação sobre um problema X no pensamento filosófico de Y. Apesar de isso já ser um indício da grandeza filosófica de *Negritude Sem Identidade*, o grande valor dessa obra está na chamada para a ação, para a construção de novos discursos, a fim de construir um *comum* para além do minimamente viável,

um *comum* no qual os relatos de si não precisem se constringer às molduras da colonialidade e do racismo.